

VISIBILIDADES FEMININAS QUE MARCARAM A TRAJETÓRIA DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Marizabel Kowalski
Universidade Federal de Viçosa/UFV
Dra. em Educação Física: Sociedade, Cultura e Esporte
belkowalski@ufv.br

Resumo

A mulher como figura pertencente à sociedade, perpassa por um processo de “civilização” da própria história “masculina” do homem, ou seja, desde a Antiguidade até o final do século XVII, a mulher era considerada imperfeita por natureza, entretanto “puritana” em todos os sentidos. Um “ser” que deveria ser defendido, protegido dos “outros”, guardado no interior da casa, com atitude servil, incapaz de auto-sustentar, com voz, contudo, sem opinião. Na mudança dos cânones sociais de Elias remete a visão dos inegáveis efeitos perversos na cultura das discriminações de gênero, etnicidade e orientação sexual e a idéia “nova” – o feminino.

Palavras Chaves: Visibilidades, Elias, Mulher

IDENTIDADE FEMININA

Na busca de novas formas de expressividade que marcaram a identidade dos homens e mulheres, criados nos valores morais imputados pela sociedade tradicional, carregada de provincianismos, não era fácil encontrar formas de expressão visionárias que valorizasse as transformações que ocorriam no cotidiano. A questão em jogo era a própria observação e o acompanhamento deste atropelado de impulsos e de mobilização dos sentidos, os quais passam a falar mais alto que a cultura herdada, transformando-se em uma questão de sobrevivência. Na mudança dos cânones sociais de Elias na *Peregrinação de Watteau a Ilha do Amor*ⁱ remete a visão dos inegáveis efeitos

perversos na cultura das discriminações de gênero, etnicidade e orientação sexual e a idéia “nova” de que “*todos são iguais, porém alguns são mais iguais do que outros*” é crucial para a proposição de que se faz necessário “*tratar os desiguais de forma diferente*”. Em primeiro lugar – igualdade entre “*quens*” e em segundo “*os porquês*” das desigualdades entre “*iguais*”?

Segundo o cientista político Roberto Bobbio;

A tolerância é a virtude da moderna democracia pluralista: tolerância *versus* intolerância, igualdade *versus* desigualdade, homogeneidade *versus* diferença, individualismo *versus* coletivismo são oposições constituintes do debate e da política contemporânea em diversas áreas do conhecimento, assim, como do senso comum. É fundamental formular políticas e ações afirmativas, cujo objetivo principal dessas ações é: restituir ou atingir uma igualdade que foi rompida ou jamais existiu (Bobbio, 2001)ⁱⁱ.

Embora seja indiscutível que as diferenças quantitativas em todos os quesitos dos Direitos Humanosⁱⁱⁱ, relevamos que entre homens e mulheres na representação política, na indústria e

nas universidades seja fruto da histórica dominação masculina, existem muitas contradições a serem investigadas: Será que as mulheres que se elegem representarão os interesses das mulheres? E mais, quais os interesses e de quais mulheres em qual sociedade? As mulheres já se fazem a maioria nas Universidades, mas não na Pós-graduação, deveras dizer que estão satisfeitas com o seu grau de estudo! A opressão como construção de dominantes no subjugo dos dominados, condena dominantes e martiriza os “fracos”, não negam os efeitos perversos das culturas discriminantes referentes às categorias de gênero, etnicidade, orientação sexual, idade, credo, etc. Se as políticas de reconhecimento configuram e instrumentalizam identidades a fim de justificar interesses específicos, não o fizeram e/ou fazem os universalistas? Há que considerar os abusos cometidos em nome de justas reivindicações, cujo risco é a deslegitimação das diferenças.

Esses princípios antagônicos que priorizam a hierarquia e a desigualdade balizam as diferenças dos esforços analíticos e políticos para a igualdade das condições econômicas e culturais nas sociedades humanas.

O que queremos afirmar, é que há, portanto, diversas oposições e oscilações fundamentais em torno das quais foram travados importantes debates: homens *versus* mulheres, igualdade *versus* diferença, esfera pública *versus* privada, individualismo *versus* coletivismo, poder como um valor a ser rechaçado *versus* poder como um valor a ser conquistado, escravidão *versus* libertação, redistribuição *versus* reconhecimento, política de idéias *versus* política de presença, universalismo *versus* multiculturalismo, tolerância *versus* intolerância, heterossexualismo *versus* homossexualismo, virgindade *versus* liberação sexual, castidade *versus* liberação do sexo, monogamia *versus* poligamia, etc.

Desta maneira, como forma de superação das dicotomias, é que propomos como instrumento de análise

o “*dualismo perspectivo*” de Fraser (2000) buscando lidar com a complexidade do mundo contemporâneo. Ou seja, juntamente com a idéia de identidade, individual e/ou coletiva e, na corda bamba, entre o discurso da diferença e a afirmação da isotonomia, nascem movimentos que marcam a passagem da visão do sexo único para a oposição dicotômica homem & mulher. Um dos mais atraentes movimentos da contemporaneidade gerador de polêmicas, inspirador de idéias e progresso, congrega ainda hoje, homens e mulheres para compartilhar anseios. Apesar de suas contradições e paradoxos aparentemente insolúveis, o *Feminismo* se vê representado na política, no discurso acadêmico, na mídia, nas artes, na cultura, na economia e no cotidiano, nas mentes e nos corpos.

O movimento apesar de possuir correntes diferentes, está diretamente ligado à militância, ao ativismo e à luta pela igualdade de direitos, mesmo assim, estes não asseguram a inclusão da mulher em todos os setores da

sociedade. O feminismo vem inaugurar uma nova história na história do homem – a história humana – insuflada de resistências, repleta de questionamentos, ambivalências, tensões e desdobramentos. Essa história humana traz um novo componente o “*feminino*” e a história passa a ser a “*história da humanidade*”, transcrevendo a história escrita pelo homem e para o homem – passando a ter um “*duplo sentido*” - “*homem & mulher*” – que na “*mão única*” do movimento feminista vem se respaldar nas diferenças sociológicas da concepção do termo “*gênero*” e, na afirmação científica que a espécie é formada pelos gêneros humanos: **masculino e feminino**. O início da trajetória das mulheres pela igualdade dos direitos nasce, então, pela afirmação das diferenças dando início a ambivalência *igualdade versus diferença* que perpassa por toda a trajetória do feminismo e fundamenta a idéia de identidade do sujeito “*feminino*”.

Para Morentzsohn Rocha, “*a construção do indivíduo racional pela*

teoria liberal pretendeu excluir a mulher da sociedade civil em formação”^{iv}, enfatizando a dicotomia entre os sexos e a separação entre as esferas pública e a privada. Contextualizando a autora, relevamos que no decorrer dos discursos da época, não poderia excluir alguma coisa ou este alguém “*mulher*” se nem incluída estava. Como formar parte de uma estrutura pública quando ainda não tomara atitude socializada de sua privacidade. Neste ínterim, na contrapartida dos discursos históricos sem a presença da imagem/identidade do “*feminino*” deu início as reivindicações sociais “*feministas*”. Desde a sua origem, ninguém passou incólume pelo feminismo, considerado um divisor de águas na história sócio-cultural-política do homem.

A mulher, como figura pertencente à sociedade, perpassa por um processo de “*civilização*” da própria história “*masculina*” do homem, ou seja, desde a Antiguidade até o final do século XVII, a mulher era considerada imperfeita por natureza, entretanto “*puritana*” em todos os sentidos. Um

“*ser*” que deveria ser defendido, protegido dos “*outros*”, guardado no interior da casa, com atitude servil, incapaz de auto-sustentar, com voz, contudo, sem opinião. Visível por apenas um olho. Visionária sem enxergar-se coletivamente. O modelo “*sexo único*”, descrito, minuciosamente, por Thomas Laquer permaneceu dominante até a Revolução Francesa. Este retrato falado situava a mulher no degrau abaixo do “*homem*” na hierarquia social, dois a menos no biológico e fisiológico e, acima de tudo, estava ausente do cultural, porque não era considerada ainda, uma imagem humana. “*Mulheres*” ou “*homens invertidos*”, ontologicamente inexistentes, impotentes como as crianças e sem direitos como os escravos.

O LUGAR DAS MULHERES DO OCIDENTE

**

**TRRRRIIIMMMNNNmmmn
n!**

- *OI! OIII!!! Alô! Ah! É você!
Do que se trata!*

** *MULHERES! Exclusão?*

- *Não acredito! De onde as
excluíram!*

***Convidadas! Foram
incluídas? Quando! Para
Quê!.....Lugar!Local! Já
chamo!
**BENHÊ! BENHÊEEE!!!
.....QUERIDA!!!!
QUERIDAAAAA!!!! É a sua
Amiggga!
** AHMNNnnmm! AhH
É? Lógico! Estou indo!!!!
**Aonde vais?
**Com quem?
**Quer que eu te leve?
**Que horas volta?
**Que tal eu te buscar?
**Qualquer coisa me liga!
** Benzinho! Pensa!
**Não esqueças que amanhã
eu acordo cedo!
**!!!!!!E o meu café!!!!!!
**Não adianta!!! Você vai sair
a esta hora!
**Esta tão tarde!!!Olhe lá
fora !!!!! Já escureceu.
**** Querido!!!!Quem tem
medo do Lobo Mau (...) Se o
Bicho Papão vai ficar em
casa!*

A participação da mulher na vida cultural acontece nas sociedades ocidentais. Apesar das resistências, inclusive também de ordem feminina, três fenômenos se conjugam para favorecer esta participação. Em primeiro lugar, as lutas feministas marcantes desde o final do século XIX na igualdade de estudos e diplomas, conseguem êxitos evidentes, a frequência nas universidades e a

assunção de profissões liberais autônomas. Depois a evolução das técnicas, o crescimento do público amador e o aumento do tempo livre no ajustamento das horas de trabalho conduzem, a partir dos anos cinquenta, a uma difusão maciça dos eventos culturais e esportivos. Por fim, as novas estruturas da produção cultural que dão origem, em particular, a um salaríato importante, permitem às mulheres conquistar uma maior autonomia nas finanças do lar e nos gastos pessoais e, conseqüentemente, torna-se alvo do comércio cuja visibilidade social elegera como um “cliente em potencial” das indústrias dos equipamentos domésticos, vestuário, higiene e cosméticos. Elas são, assim, cada vez mais numerosas nas profissões intelectuais e artísticas, com a aceleração sensível na segunda metade do século XX.

Em pleno período de expansão econômica e de integração das mulheres surge um novo e poderoso movimento. A primeira vista, pode parecer paradoxal que a contestação parta, em primeiro lugar, de privilegiadas:

estudantes, artistas e intelectuais! Marcela Marini (1991)^v questiona: “*Não realizaram elas o sonho de suas antepassadas, a igualdade de acesso à cultura comum aos homens – a educação superior? Não exercem elas às profissões inesperadas...para uma mulher?*” Em suma, elas não revoltar-se-iam estupidamente no momento em que atingem os seus objetivos. Nenhum domínio da arte do pensamento lhes era proibido, bastaria apenas que dessem provas das suas capacidades intelectuais, práticas e profissionais na sala de estar, na cozinha e no quarto de seus lares, bem como, fora deles.

Em vias de descobrir a amarga realidade que a proclamada igualdade propunha, lograram desconfianças e, na medida em que as mulheres percebiam que continuavam a ser desvalorizadas pelo fato de “*serem mulheres*”, apesar das provas de suas capacidades e dos seus talentos, a constatação era (é) clara: se a mistura dos sexos se impôs pouco a pouco na educação e nos locais de trabalho das fábricas, o mesmo não aconteceu na vida sócio-cultural. Ao ouvirmos hoje – privilégio da história

contemporânea— ou de algumas mulheres históricas que atravessaram este século — ficamos impressionadas (os) com o trágico e o grandioso das suas existências. Devoradas pela guerra, pela revolução ou pelas ditaduras (morais, intelectuais e corporais), mas igualmente expectadoras e atrizes das transformações das relações sociais, culturais, sexuais e entre os sexos. Isto não significa que o século XX, após ter evoluído contínua e inelutavelmente para a emancipação das mulheres, colocou um fim nesta história.

Mas o que o século XX geopolítico, nascido no furacão da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa, da ascensão da Biotecnologia, das sanções econômicas do Ocidente utilizada para designar o triunfo do liberalismo após o desmoronamento do Bloco Leste e a assunção da política externa por países emergentes e potências alimentares - o que isto significa para as mulheres? O crepúsculo dos machos decadente na afirmação de uma sociedade estranha aos homens das guerras? O advento de um mundo de gêmeos de sexo oposto,

onde um é o outro? Ou de espaços, verdadeiramente, comuns aos homens, às mulheres e “outros”- negros e negras; judeus e judias; mongóis, hindus, homossexuais, portadores de HIV, deficientes, idosos e idosas; e congênitos - um espaço em que a igualdade dos direitos e das oportunidades preserve o respeito das diferentes identidades entre “seres humanos”?

MILITÂNCIA, ATIVISMO E FEMINILIDADE

A construção do sujeito “mulher” está presa a uma contínua tensão entre a necessidade de formar a identidade feminina e a de demolir a categoria “*una*” da sexualidade (conferir se equivale ao sexismo). Os feminismos contemporâneos continuam a debater a questão, apesar da perspectiva de um mundo misto parecer, cada vez mais, uma síntese desejável. A permanente busca vem acompanhada de questões que não elucidam os caminhos a serem seguidos: O que quer uma mulher? O

que querem as mulheres? Quem são as mulheres do Ocidente? Prospecto de uma série de imagens “*La Garçonne*”? Produto das Guerras e dos Anos Loucos, “*a mulher emancipada*”? Produto da pílula, ou até mesmo a “*superwoman*” dos anos oitenta? Produto do feminismo e da sociedade de consumo, capaz de se equilibrar com sucesso entre a carreira, os filhos e os amores? Do mesmo modo que enaltecemos as conquistas, estas imagens têm o mérito de colocar os acontecimentos, que fazem sentido a existência da história das mulheres, subvertendo a cronologia masculina da história geral do homem. O século XX é conceitualmente marcado por três correntes feministas fundamentais, fruto de imposições, questionamentos e revoltas decorrentes da diversidade intra-sexo:

a1) A primeira, nos anos 1960, teve como reivindicação principal a distribuição igualitária do poder por meio da idéia do equilíbrio de oportunidades e de condições para ambos os sexos. Denominado “*Feminismo Igualitário*”, “*Liberal*” ou “*Universalista*” tem como princípio o pensamento livre em que os

instrumentos são a educação, o trabalho e a política para a ação transformadora.

a2) A segunda corrente, o “*Feminismo Radical*” faz uma crítica à sociedade patriarcal e ao liberalismo nos anos 1970. A socióloga Francine Decarries (2009)^{vi} esclarece que o uso da palavra “*radical*”, cujo significado é aquilo que busca as “*raízes*”, pretende abordar as desigualdades geradas nas sociedades de cunho liberal. O feminismo radical pode ser subdividido em quatro tendências: Feminismo Materialista, Socialista, da Especificidade ou Autonomista e Lesbiano. A primeira faz a oposição à conduta dos “homens” como opressiva. A segunda estabelece vínculo direto entre o capitalismo e o patriarcado. A terceira se volta para o trabalho do lar e a família e, por fim, o Feminismo Lesbiano encara o modelo heterossexual como opressor e tem na homossexualidade feminina uma opção política.

As polêmicas aproximações e distanciamentos entre os discursos dos feminismos emergentes evidenciaram a complexidade das relações de poder, a diversidade das experiências femininas e a consciência da centralidade do conceito de patriarcado nas militâncias e pesquisas empreendidas no âmbito do (s) gênero (s). Sylvia Walby (2009)^{vii} defende que “*além de ser um conceito descritivo e útil para a análise da dominação masculina, o patriarcado é um sistema que se articula com o capitalismo,*

porém é autônomo. É um sistema de estruturas e práticas sociais nas quais os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres”.

a3) Nos anos de 1980, as mulheres reivindicam a valorização da experiência feminina ligada à maternidade e aspectos biológicos característicos das mulheres – constituindo, assim, uma terceira corrente chamada “*Feminismo da Femitude*”, que enfatiza novamente a diferença entre os sexos.

Existe no mundo contemporâneo a demanda por uma noção de cidadania mais abrangente, onde a diversidade cultural é um mote contínuo. O debate atual expressa os conflitos entre duas correntes que dialogam permanentemente: o universalismo (Igualitarismo) *versus* multiculturalismo (Comunitarismo). Críticos do universalismo afirmam que por ser uma doutrina que prioriza o geral em detrimento do particular, acaba por invisibilizar as diferenças, produzindo e reificando as desigualdades sociais. Em resposta a este efeito, os grupos de minorias sociais têm clamado por uma “*cidadania diferenciada*” que permita a construção de comunidades inclusivas.

No passado, marxistas e liberais consideravam as desigualdades sociais como fruto, fundamentalmente, das diferenças econômicas. No entanto, pensadores contemporâneos afirmam que a questão é bem mais complexa e não se reduz às desigualdades econômicas, embora interajam.

Os adeptos da linha de pensamento multiculturalista investem na política do reconhecimento da identidade do grupo. Teóricos e militantes argumentam que membros de uma comunidade nem sempre compartilham as mesmas condutas sociais e aderem aos componentes culturais homogeneamente. Identificamos três tipos de multiculturalismo – comunitarismo, multiculturalismo dentro de uma estrutura liberal e multiculturalismo como uma resposta à construção do estado.

- 1) Comunitarismo: pode ser descrito a partir da idéia de minoria *versus* a concepção do individualismo liberal. Alguns isolacionistas pretendem defender seu estilo de vida incondicionalmente e são considerados radicais. O

extremismo desta corrente pode levar a restringir as liberdades individuais e, conseqüentemente, oprimir alguns grupos dentro das comunidades culturais^{viii}. Por exemplo, em algumas culturas as mulheres são forçadas a se casar e obrigadas a ficarem em casa.

- 2) A segunda linha de pensamento e ativismo defende que os grupos em desvantagem devem ser incluídos socialmente, no entanto, sem abrir mão de suas diferenças. Neste caso, o multiculturalismo é compatível com a democracia e os princípios liberais.
- 3) Os adeptos do terceiro tipo defendem a criação de instrumentos específicos para “pluralizar” o Estado que, na verdade, não é neutro e gera a dominância de um grupo homogêneo e a exclusão de todos os outros. Neste caso, dois pontos principais devem ser resguardados: as liberdades individuais dentro dos grupos e as relações igualitárias entre os diferentes grupos^{ix}.

Os grupos que estão em posição de desvantagem social em relação a outros, geralmente, não adotam o ponto de vista dominante. Ao contrário, é possível manterem suas identidades formadas a partir de experiências específicas e, ao mesmo tempo, compartilharem um espírito público mais abrangente e estarem abertos a

ouvir e perceber os interesses de outros. A cientista política Iris Young (2009)^x descreve cinco características que configuram uma relação de opressão de um grupo em relação a outro:

- 1) **Exploração** – quando os benefícios do trabalho e energia de alguns são apropriados por outros sem reciprocidade;
- 2) **Marginalização** – quando um grupo é excluído de atividades sociais em larga escala, em geral, da esfera mercado de trabalho;
- 3) **Destituição de poder** – viver e trabalhar sob a autoridade de outros e ter pouca autonomia e autoridade sobre outros;
- 4) **Imperialismo cultural** – gera grupos sociais estereotipados e, ao mesmo tempo, invisíveis no que diz respeito à expressão de suas experiências e acesso a oportunidades;
- 5) **Sofrer violência ou perseguição** por ser considerado membro de um grupo que é odiado ou temido socialmente. (Young, 2009)

A autora cita, entre outros, alguns grupos que são oprimidos em um ou mais destes aspectos: mulheres, negros, judeus, homossexuais, operários, pobres, idosos, necessitados de tratamento especiais (HIV, Hanseníase, Obesidade, entre outras),

portadores de deficiências, presidiários, partidários de grupos organizados (gangs, bandas, dandis, zazous, punks,) com seus “jeitos, gestos e modismos”, credenciando-os “marginais”. Em *Inclusion Democracy*, ela afirma que o sujeito constrói a própria identidade individual, mas a partir de condições sociais já estabelecidas. As relações sociais, instituições e estruturas estão acima das subjetividades.

SPORT - MEGA URBES EM AÇÃO.

A nova geração emergiu no final do século XIX, jovens portadores da “*idéia nova*”, gente vinda do meio metropolitano, inquieta e formada nele. No início de década de 10 do novo século desapareceriam com o antigo hábito de repousar nos finais de semana. O repouso é destituído pelas festas e corridas de cavalo no Jockey Club. Partidas de tênis, regatas, canoagem e corso na Avenida. Nas Praças matinês dançantes. O carnaval nas ruas e futebol nos terrenos baldios e nos campos gramados dos Clubes Aristocratas. As atividades divulgadas pelos jornais e panfletos elaborados pelos jornalistas da

Gazeta de Notícias e, igualmente com os versos de Olavo Bilac e B. Lopes, além de Ferreira de Araújo, assinavam as crônicas como Lulu Senior. Os jornais estimulavam a publicação com anúncios de todo tipo^{xi}:

*Venham todos tomar parte
Neste baile sem igual;
Haja pilhéria que farte
Neste grande festival
Haja lérias e dichotes;
Beliscões e piparotes;
Indo o mais que for folia.
Deixai o boato a mágoa.
Daí aos bombeiros água;
E o vinho à nossa alegria.
(ALENCAR, 1970)*

Na segunda metade do século XIX, as atividades esportivas se restringiam quase que exclusivamente às competições turfísticas. O *turf* gerou o aparecimento de inúmeros periódicos como “*A Vida Sportiva*” e o “*Sport*”, indicavam ser até então, as corridas de cavalo a própria definição do esporte. Os motivos desta difusão, apesar das negativas de seus defensores, pareciam, no entanto, estar mais ligados às apostas que ele propiciava do que supostos benefícios que a modalidade trouxesse a seus praticantes; distanciando-se do suor das refregas para acomodar-se em

meio a elegantes platéias que das arquibancadas, limitavam-se a torcer pelo seu próprio dinheiro^{xii}. Mesmo os poucos clubes ginásticos existentes, como o Clube Atlético Sul Americano, pareciam constituir-se, muitas vezes de meras fachadas que encobertavam casas de jogos proibidos pela polícia^{xiii}.

Esta situação começaria a apresentar seus primeiros sinais de mudança ainda nas últimas décadas do século XIX, com o surgimento e fortalecimento gradual dos esportes como a pelota (frontões/paredão), as regatas e as corridas a pé. É nessa conjuntura que adquirem um efeito sinérgico, que compõem uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, como fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida. Os “Clubs” que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite no final do século XIX, e já no final da década de 10 e início de 20; são difundidos pelos bairros, periferias, várzeas e se tornam um desdobramento natural das próprias reuniões sociais. Parecia enfim, que se iniciava o movimento nacional

esportivo tão ardorosamente defendido pelos higienistas, e por não menos que o poeta. Para Olavo Bilac, o fenômeno era bem mais do que uma bem vinda fatalidade, contrariando a crítica ao esporte de Carmem Dolores^{xiv}. O crescente entusiasmo dos esportes era uma prova de que o povo brasileiro tomava consciência da necessidade do exercício físico, o qual, como uma religião “*retardava a inevitável catástrofe da degeneração física da humanidade, cristalizando as vantagens vistas na atividade*”^{xv}.

Sua temperança foi destoadada após a I Guerra Mundial. Estabelece uma sintonia entre a quebra da identidade colonial e a construção da identidade nacional, coletiva, cultural brasileira no surgimento dos rituais comunitários; responsáveis pela transformação de sensações encadeadas por impulsos amplos; que vêm de fora: do Remo e do Futebol, as corridas de carro, o carnaval, o espetáculo da emoção e o delírio das multidões. O novo século, nascido no pós Guerra, impõem de modo drástico o mundo do indivíduo, da razão ou da palavra, das

sensações fragmentadas, da ação ritualizada e da cidadania das emoções conturbadas, parece ser uma situação opaca das linguagens codificadas no rompimento das tradições num mundo em transformação^{xvi}. O fato de adquirirem ou buscarem uma nova identidade capaz de exaltar e libertá-los do jogo de uma força interna, graças a uma fonte externa e artificial de incitamento, é que faz dessa passagem dos rituais tradicionais e típicos para o novo ambiente metropolitano. Sevcenko atribui duas reações da sociedade da época, precisamente entre a década de 10 e 20. Uma diz respeito a uma reação defensiva, a qual se manifesta na busca de uma supra-identidade de base emocional e a segunda, implica no encontro de um supra-estranhamento capaz de desencadear sobressaltos intuitivos^{xvii}. Mas quais os elos pelos quais se estabelecia a cadeia de comunicações identitárias?

O mundo novo, representado por São Paulo e Rio de Janeiro, onde o branco se fundira com o índio, depois os descendentes destes com o negro, e agora as novas gerações se

consociam com os fugitivos da Europa convulcionada, a nova terra da promessa, onde vão erguer sólidas torres e as novas arquiteturas da sociedade futura; levada à exaltação, à consumação da missão mística que a geração antecessora frustrara. Esse mito erótico e holístico de criação de uma nova raça assinala Sevcenko;

(...)como um destino manifesto de envergadura cósmica, o qual se desdobraria em inúmeras variantes e sucedâneos ao longo da década de 20. O início de uma tomada de consciência, tanto de sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade, cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo e Rio, tal como figuradas, apareciam insistentemente refletidas num improvável espelho do futuro, de modo que, ou esses observadores o viam daqui, refletindo as metrópoles européias e americanas, ou alternativamente, projetavam a silhueta disforme das metrópoles brasileiras contra àquelas cidades, procurando encontrar os sinais da sua identidade em cada uma delas e no conjunto das marcas do contraste. (Sevcenko, 1992. Pg 31-6).

Afinal, São Paulo e Rio de Janeiro, não eram cidades nem mais de negros, nem de brancos e nem de mestiços. Nem de estrangeiros e nem de brasileiros. Nem americanas, nem europeias, nem nativas. Não eram industriais, apesar do volume crescente das fábricas, nem entrepostos agrícolas, apesar da importância do café em São Paulo; uma não era tropical nem subtropical, a outra tropical; não eram ainda modernas, mas ambas, já não tinham mais passado. Na emergência das grandes metrópoles e seus efeitos desorientados, suas múltiplas faces incongruentes, seus ritmos desconexos, sua escala extra - humana, seu tempo e espaço fragmentários, sua concentração de tensões, dissiparam as bases de uma cultura de referências estáveis e contínuas. Sob o ímpeto genérico de diversões e esportes, toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais; são arduamente exercitados. As latências do jovem “o novo homem” e da “idéia nova” se avolumam num contágio crescente e irreversível. “Todos para a rua: é lá que a ação está^{xviii}”. É amoral, deveras!

A incontinência dos modos e irreverência de pensamentos, o diagnóstico não podia ser mais preciso. A plástica impecável, a vitória da forma e da exterioridade, o ideal clássico, a evocação afirmativa do físico sobre o espiritual nas palavras expressas nos poemas de Bilac. Mas a situação era, em definitivo, exponencialmente favorável aos mais jovens. Estes não tinham que aprender com o passado ou com a cultura herdada, se atirando sem reservas ao turbilhão da metrópole; incorporando diretamente dele, as novas potencialidades, sentidos e condutas infundidas pelos modernos sistemas e tecnologias metropolitanas, que além da sua heterogeneidade nacional, étnica, social, conviviam simultaneamente na cidade, temporalidades múltiplas e diversas. Em alguns casos, incomunicáveis na sua estranheza recíproca, em outros, mutuamente hostis, mas na sua maior parte, ajustando-se e se ajustando equivocadamente umas sobre as outras.

Nestas condições era natural o aumento da aflição coletiva. O mito ajuda a organizar os fatos dispersos. A

ação ritualizada claramente precedeu e organizou, derivando o produto, cristalizando à ação. Congruentemente, os autores da época, situam seus discursos nos pensamentos biologizantes. Isto leva a crer que se trata aqui de uma formulação mais acintosa do corriqueiro darwinismo social do século XIX. Mas se trata de fato; de coisa diversa e nova. Ao contrário daquela doutrina do individualismo extremado, que coloria de um dramático acento à ideologia liberal, tem-se agora uma concepção do sentido social coletivo, da ação desempenhada como dispêndio da “verdadeira energia”, aquela que coliga, coordena, compõe, conforma: a energia física, o desenvolvimento orgânico, que só poderá ser medido e provado pela luta, pela competição. Outro valor não tem o esporte, senão o de preparar o homem pela luta e para a luta, nas batalhas de *Salamina* e da própria guerra que acabava de findar.

Vestir uniformes roupas com cortes, cores ou acessórios militares, se torna um dos cumes da moda, tanto para adultos quanto para crianças. Aliás,

neste período, era muito difícil distinguir onde ficavam as fronteiras entre o treinamento militar e uma atividade esportiva. Estes surgiram na conjuntura da I Guerra, uma mania esportiva, reverenciada sob a forma dos “*tiros de guerra*”, raiz do nacionalismo militante. Temos como exemplo, Mário de Andrade, apesar de suas manifestações de paixões pacifistas, condensadas num livro escrito durante o conflito “*Poesias Completas*”, e embora sem expressar grandes sentimentos pelas atividades atléticas, alistou-se e atuou como militante do “*tiro-de-guerra*”, cuja experiência resultou em literatura. Impulso original que não poderia deixar de se tornar um assunto de interesse geral dos cronistas, jornalistas, poetas e literários, os quais apercebendo da curiosidade coletiva, passaram a especular.

Com o surgimento do esporte, os grandes espetáculos começam a centralizar multidões e a filosofia de vida enfrenta novos estilos – modos que a sociedade começa a assimilar e a contradizer-se, como por exemplo – as mulheres trocam as saias e vestidos

pelos jeans – calças e sapatos, num molde esportivo e de livre movimento. Os novos modos do comportamento são mais abertos e, no entanto – comuns. O tempo do trabalho é contado regularmente, em virtude do tempo livre. O tempo livre, do novo homem – da juventude é super valorizado, em detrimento do tempo de trabalho. Valoriza-se o tempo do lazer, onde enfim, no auge da década de 50, dividia-se em “*rock and roll*” e locais esportivos. O “*rhythm and blues*” dos negros americanos e do universo do esporte – a dança e o futebol ocupavam um lugar privilegiado. Estas concentrações públicas geraram os fãs clubes das estrelas e os torcedores do futebol.

Estes lugares lhes dão a ilusão, por um momento, de poderem ser umas dessas beldades, que começavam a surgir na classe operária ou na classe média baixa, como *Mick Jagger*, *Peter Towshend*, *The Who* ou ainda, *John Stephen*, onde operários se tornavam heróis desta juventude da noite para o dia. Jogadores de futebol como Leônidas da Silva, Didi, Garrincha,

Pelé, os gurus nacionais da geração moderna, jovem, ativa e romântica, arrebatando um estilo de vida de “verdadeiro escapismo”. Eram otimistas da transformação urbana, que acreditavam numa espécie de elevação social e cultural, tomando partido de tudo que era novo. Estas décadas de 50 e 60, foram tomadas por um verdadeiro movimento da juventude: os movimentos esportivos comunitários como o *MEXA-SE, EPT, PRA FRENTE BRASIL*, até 1970 quando o Brasil é Tri-Campeão Mundial de Futebol, além de muita repressão em - *BRASIL...AME OU DEIXE-O ...*

A materialização de uma aspiração de toda uma geração a outros valores culturais, os quais eram, na realidade, os da classe média, alta e culta. O discurso social era o debate entre os modernistas que se adaptavam e os integralistas que procuravam refúgio numa crispação sobre valores tradicionais. Bolas de futebol, camisetas e jeans, seriam estes que no futuro, a cada feriado, desembarcariam nas praias para relaxar, encher os hotéis, os bares, os cinemas, os estádios de futebol. Com

algumas modificações superficiais, isto era o que a década de 20 poderia prever. Esta juventude se tornaria em breve, apreciadores e transformadores do futebol em esporte nacional, pela afirmação dos valores operários de virilidade e masculinidade^{xix}, muito menos, que a solidariedade e com mais um pequeno toque – o prazer da emoção pelo futebol. A ideologia desta juventude das décadas de 30 a 70 está contida numa gama de nuances de modas, de desejos, comportamentos e condutas que imperaram em definir cada estilo que se expressava na linguagem. Essa expressão contribuiria para reforçar as identidades e os modos de vida de muitas gerações futuras, fãs de “*rock and roll*”, e determinar a liberdade de escolha de seu próprio estilo de vida, seu esporte e sua tribo.

Entretanto, neste período os aficionados pelo futebol, jovens e também não tão jovens assim, se tornariam mais uma “tribo” do que um verdadeiro movimento cultural e social, diferenciando os torcedores organizados e os torcedores comuns. Estas tribos se caracterizariam por uma ética e estética

que ultrapassava o estreito quadro de uma fração da população: ela se uniria à grande revolução cultural e social dos anos 60 dos ingleses. Faria parte do “*Swing London*” que mudaria e renovaria de alto para baixo a cultura e a própria concepção tradicional das elites, espalhando seu comportamento e atitudes pelo mundo, sendo reconhecidos mais por suas extravagâncias e conduta violenta do que pelas ideologias e idéias. Vistos como inimigos das mudanças, eles seriam, o que é mais duro de suportar – os desiludidos. Sempre teriam a impressão de haverem sido “sacaneados” por uma evolução na qual tinham acreditado. Eles guardariam disso uma desconfiança para com todos os “*ensinadores de lição*” e esta frustração indelével explicaria sua superviolência nos estádios ou nos concertos: eles permaneceriam sempre moralistas, meio fracassados, nem claramente de um lado nem do outro.

A democratização da moda não significa uniformização ou igualação do parecer; novos signos mais sutis e mais nuançados, especialmente de *griffes*, de

cortes, de tecidos, continuaram a assegurar as funções de distinção e de excelência social. Ela significa redução das marcas da distância social, amortecimento do princípio aristocrático do *conspicuous consumption* de Thorstein Veblen^{xx}, paralelamente a esses novos critérios que são *a esbeltez*, a juventude, *o sex-appeal*, a comodidade, a descrição. A moda de cem anos não eliminou os signos da posição social; atenuou-os, promovendo pontos de referência que valorizam mais os atributos pessoais: magreza, juventude, sex-appeal, etc.

O estilo democrático sóbrio também não se impôs uniformemente. Paralelamente aos trajés de dia simples e ligeiros, a *Alta Costura* não deixou de criar vestidos de noite suntuosos, sofisticados, hiper-femininos. A moda de cem anos aprofundou a distância entre os diferentes tipos de vestuários femininos. De um lado, uma moda de dia (cidade e esporte), sob a égide da discrição, do confortável, do “funcional”. Do outro, uma moda de noite feérica, realçando a sedução do feminino. A democratização da moda

caminhou junto com a desunificação da aparência feminina – esta se tornou muito mais proteiforme, menos homogênea; pôde atuar sobre mais registros da mulher voluptuosa à mulher descontraída, da *school boy* à mulher profissional, da mulher esportiva à mulher sexy. A desqualificação dos signos faustosos fez o feminino entrar no ciclo do jogo das metamorfoses completas, da coabitação de suas imagens díspares, por vezes antagônicas.

O esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade de vencer. Mas a vontade de vencer que se conforma às regras, que adota uma atitude exemplar: *o fair play*, jogo justo e honesto, comportamento “*cavalheiresco*”. Por outro lado, as exigências econômicas e culturais para praticar as novas modalidades esportivas, fora do âmbito escolar, reforçariam ainda mais a conotação de que esta prática cultural se afirmava como um signo de distinção social. É neste sentido específico que certos esportes aparecem como

elemento de diferenciação do estilo de vida. Esta diferenciação do estilo de vida, Hobsbawn^{xxi} esclarece; como a prática esportiva tornara-se um indicativo de pertencimento social, tendo em vista que a prática de certas modalidades (*o rugby e o tênis*) estava condicionada ao acesso do sistema de ensino (*as public schools*) ou a participação em associações esportivas (*os clubs*), enquanto outras (*o soccer e o boxe*) vinham alcançando uma maior difusão social, sendo mais populares. Ao mesmo tempo, os jovens da tradicional aristocracia britânica mantinham-se fiéis aos “esportes aristocráticos”, associados à vida rural e à destreza com armas. Mas não obstante, a relevância desses esportes, o sucesso das novas competições esportivas, dos esportes populares, é uma clara demonstração de que a evolução do universo esportivo refletia agora uma nova estruturação social.

CONSIDERAÇÕES NADA FINALÍSTICAS

A este ponto do enredo que creditamos relevância é a temática da

“Invenção do Esporte” e a “Mulher no Esporte”. Mary Del Priori escreve “*Os Excluídos da História – negros; mulheres e prisioneiros*”. Miriam K. Raiffer faz uma análise correlata utilizando-se de Del Priori direcionando aos livros didáticos no *Ensino Fundamental e Médio no Estado do Paraná* e constata dizendo “*A mulher não está somente excluída da história do homem (...)ela foi/está fora da educação dele*” e acrescenta “*(...) eu encontrei um máximo da mulher estar em uma ou outra nota de rodapé nos livros didáticos que eu mesmo escolhi para a escola. Eu como mulher, mãe e professora*” (Raiffer, 2005). O cenário é olímpico, grego, romano e as prédicas são de Pierre Di Freddy – Barão de Coubertin “*que o lugar da mulher no esporte é a assistência*”. As ranhuras escritas nas escolas são de Rui Barbosa como Ministro da Educação. Estas já foram somente para os “*varões*” assim como a atividade física. Os ensinamentos escolares agora pertencem as Mulheres corporificando ainda os atributos maternos e a paciência. Carmem Lúcia Soares atrela

ao corpo à sua História, tudo mudao quanto? Se elas, as mulheres, estão à frente da sala de aula - 100% no Ensino Infantil, 97% no Ensino Fundamental e 89% no Ensino Médio, por que não mudamos as condições dos pensamentos, atitudes, comportamentos e condutas culturais entre os sexos (iguais humanos – se ver homem e ser mulher) quando a nossa acessibilidade para a formação das primeiras molduras do caráter é colossal? Relevando as falas das autoras questiono! - A mulher pode ter sido excluída do esporte se ela não foi convidada?

Suor excessivo, esforço físico e emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a beleza – a transparência e ajuste das roupas torneiam e mostram/destacam os volumes e proeminências corpóreas. Nelson Rodrigues já falava que abaixo o espartilho, o corpo não somente soltou-se, mas mostrou que a forma presa por amarras, amarrou a mente e a boca das mulheres. Que não precisava mais passar lateralmente com suas

vestimentas espetaculosas e europeinizadas, que não tinham mais nada haver com o tropicalismo, pois as portas estavam mais estreitas sem os espartilhos femininos. A mulher respirou e abriu os ouvidos e expressou sua voz no encurtamento de suas saias, na semi-nudez das roupas atléticas e despertou olhares discriminatórios de outros e de outras (Goelner, 2007)^{xxiii}.

Acreditamos que muito foi feito outro tanto realizado. A mulher no esporte – sua imagem vem carregada com as explorações já expostas ao mundo do masculino e pronunciadas sob a égide da liberação do sexo e libertação sexual. A hierarquia de gênero nos acomete a julgamentos e preconceitos discriminatórios e cheios de vitimização. Entretanto, o percurso realizado, o caminho ainda mostra-se procedente. Temos que a questão de gênero é evidente não somente na discriminação das modalidades, mas de profissões no mundo esportivo – as administrações clubísticas, o próprio jornalismo esportivo televisivo e radiofônico – quando uma mulher narrou um jogo esportivo? Não estou

falando do futebol. Mas sim, de outras modalidades. O envolvimento da mulher faz vitórias, mas o seu distanciamento das funções se faz presente e preocupante. Os cursos formadores de árbitras, juízes, dirigentes esportivos, administração podem até parecer com número aceitável de mulheres, mas nem sempre compactuam com as mesmas oportunidades. Não há de se questionar “o esporte é domínio masculino”. Isto incita a querer elevar ao cume a relevância do tratamento científico – os homens chegaram primeiro e inventaram o esporte sem a participação da mulher – assim – desta feita – não fomos excluídas – talvez faltou-nos um convite que não fosse à platéia. O homem criou o esporte para ele e não nos convidou para a sua prática, nós invadimos o outro lado da cerca. Acredito que não queremos romper grades, muros ou alambrados de ginásios, estádios e pistas. Quem sabe! Ou já sabemos, que o papel discriminatório não parte dos homens, mas talvez de nós mesmas!

Abstract

The women as figure belonging to society runs to at process of “civilization of male” inside through history itself. Since ancient times until the end of the 17th century, the woman was considered, by their very nature, however imperfect “puritan” in all senses. A “human” that should be defended, protected of “other”, saved within the home, with servile attitude, incapable of self sustaining, could have voice, however, no opinion. In changing social doctrine of Elias refers the vision of undeniable negative effects on gender discrimination culture, ethnicity and sexual orientation and new idea – the feminine.

Key words: Visibilities, Elias, Woman

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. *Flamengo Alegria do Povo*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1970.

BOBBIO, R. *Os intelectuais e o Poder*. Ed. Martins Fontes, 2001.

DOLORES, C. “A Semana, O Paiz”. 13/10/1906.

DECARRIES, F. Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas. *Revista Sociologia Ciência & Vida*. Editora Escala: ano III; número 22-2009.

ELIAS, N. *Estabelecidos e Outsiders*. México: Fôndo del Cultura Económica, 1997.

ELIAS, N. *Processo Civilizador II. Formação do Estado* (ver referência completa)

ELIAS, N. *A Peregrinação de Watteau a Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2005.

GERTRUD, P. in: “*Olímpic Games – the woman witch player*” In: MIRAGAIA, A. Tese de doutoramento, UGF. Rio de Janeiro, 2002.

HOBSBAWM. E. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra.

THÉBAUD, F. (Director)/DUBY. G. &PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente*. Volume 5: O século XX. Edições Afrontamento: Porto/Portugal, 1995.

MIRANDA PEREIRA, L. A. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Tese de Doutorado, 1998.

MORETZSOHN ROCHA, C. S. *Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas*. *Revista Sociologia Ciência & Vida*. Editora Escala: ano III; número 22-2009.

OLAVO, B. *Crônicas*. Gazeta de Notícias. 24 de fevereiro de 1907.

SEVCENKO, M. *Orfeu Estático na Metrópole*. Rio de Janeiro: Cia da Letras, 1999.

VEBLEN, T. *Teoria de la Classe Ociosa*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

WALBY, S. *Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas*. *Revista Sociologia Ciência & Vida*. Editora Escala: ano III; número 22-2009.

NOTAS

ⁱ Elias, Norbert. *A Peregrinação de Watteau a Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2005.

ⁱⁱ Bobbio, Roberto. *Os intelectuais e o Poder*. Ed. Martins Fontes, 2001.

ⁱⁱⁱ O deslocamento do predomínio do “*individualismo*” em favor do “*coletivismo*” e da “*política de idéias*” em favor da “*política de presença*” está visível nas ações afirmativas como políticas públicas adotadas e em desenvolvimento no contexto universalista das sociabilidades: as cotas para as mulheres no espaço das representações políticas, para os negros nas universidades e portadores de limitações físicas nas empresas e indústrias, são casos emblemáticos das ações afirmativas e, somando-se a tudo isso, os direitos de união homossexual e o reconhecimento social dos idosos e proteção a abusos infantis.

^{iv} Moretzsohn Rocha, Carmen Sílvia. *Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas*. *Revista Sociologia Ciência & Vida*. Editora Escala: ano III; número 22-2009. Pags.16-23. ISSN 1980-8747.

^v Marini, Marcele. *O Lugar das Mulheres na Produção Cultural: o exemplo da França*. In: Thébaud, Françoise (Director)/Duby.G.&Perrot, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*. Volume 5: O século XX. Edições Afrontamento: Porto/Portugal, 1995. Tradução:

Alda Maria Durães/Alice Teles/Alberto Couto/Egito Gonçalves/João Gaspar Neves/José S. Ribeiro/Maria João Lourenço e Maria Manuela Marques da Silva. Ilustrações e Legendas: Mulheres e Imagens: Altea/Taurus/Alfaguara S.A.Madrid/ES, (1995)

^{vi} Decarries, Francine. Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas. Revista Sociologia Ciência & Vida. Editora Escala: ano III; número 22-2009. Pags.16-23. ISSN 1980-8747.

^{vii} Walby, Sylvia. Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas. Revista Sociologia Ciência & Vida. Editora Escala: ano III; número 22-2009. Pags.16-23. ISSN 1980-8747.

^{viii} Elias, N. Estabelecidos e Outsiders. México: Fónido del Cultura Económica, 1997.

^{ix} Elias, N. Processo Civilizador II. Formação do Estado (ver referência completa)

^x Young, Iris. Feminismo – Direitos da Mulher: uma história de dominação e lutas. Revista Sociologia Ciência & Vida. Editora Escala: ano III; número 22-2009. Pags.16-23. ISSN 1980-8747.

^{xi} Alencar, E. Flamengo Alegria do Povo. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1970. Pg.14.

^{xii} Miranda Pereira, Leonardo Afonso de. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938). Tese de Doutorado, 1998.pg.40.

^{xiii} Miranda cita em seu trabalho, os estatutos do clube os quais definiam em 1884, que sua finalidade seria promover “jogos atléticos, exercícios ginásticos e outros divertimentos que a diretoria julgar convenientes” – explicitando um tipo de visão no qual as atividades físicas, sendo meros divertimentos, estavam longe de ter a função transformadora procurada pelos médicos. Enfrentando o menosprezo geral, os exercícios ginásticos pareciam não ser, para os habitantes da cidade, uma questão importante.Op. Cit. Pgs.45-60.

^{xiv} Carmem Dolores. “A Semana, O Paiz”. 13/10/1906.

^{xv} Olavo Bilac. Crônica. Gazeta de Notícias. 24 de fevereiro de 1907.

^{xvi} Sevcenko.Op.Cit.

^{xvii} Sevcenko. Pg.31-36.

^{xviii} Bilac. Crônicas ...

^{xix} O termo “masculinidade”, não aparece neste enfoque com teor pejorativo de dominância, pois aparece uma hipótese de que as maneiras femininas também tomaram este rumo, devido as vestimentas (calças jeans, blusões e camisas masculinas eram usadas pelas mulheres). Assim como as maneiras “delicadas”, deram lugar à atitudes mais objetivas, acompanhando a lógica dos homens.

^{xx} Veblen, Thorstein. Teoria de la Classe Ociosa. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

^{xxi} Hobsbawm. E. A Era dos Impérios (1875-1914). São Paulo: Paz e Terra, cap.07, pg. 255-6.

^{xxii} Gertrud Pfiser in “Olympic Games – the woman witch player” (Miragaia, 2002) relata das mudanças das condutas femininas nas provas atléticas e esportes coletivos. Trata de assuntos como feminilidade e treinamento – a ameaça a diminuição da prole. Fala abertamente da erotização do corpo feminino e abuso de esforços violentos, sessões para adaptação às modalidades esportivas masculinas como judô, Box, karatê, maratona, steeple chase, triatlo, salto com vara, lançamento do martelo, salto triplo, futebol, ciclismo, golfe, automobilismo quando deixa o tanque e vai aos gramados, sai da garupa da carona e senta-se ao volante.